

SÍLVIA DE OLIVEIRA

DE QUE COR É O MEDO

Biografia de
Paulo Teixeira Pinto

Prefácio de
PEDRO ABRUNHOSA

Posfácio de
PAULO TEIXEIRA PINTO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

Capítulo I

Quem é Paulo Teixeira Pinto?

Não se escondeu debaixo da cama, ainda não tinha chegado a sua hora. Estava habituado aos tiroteios entre os diferentes exércitos, mas era a primeira vez que metralhavam a sua casa. Os cobertores e as mantas que tapavam as janelas não eram capazes de abafar o barulho forte dos tiros, mas mesmo assim deixou-se ficar sentado no sofá, a ler.

Estava em casa com a mãe e o irmão mais novo, depois de mais um dia de aulas, e passou a tarde entre a sala e o quarto, concentrado no livro *O Homem*, de Irving Wallace, um dos romances mais discutidos dos anos 60 que, como uma premonição, conta a história do primeiro afro-americano a ser presidente dos Estados Unidos. O pai, que estava a trabalhar, ia telefonando quando podia para saber se estavam bem.

A guerra civil fazia parte dos seus dias em Nova Lisboa, atual Huambo, onde nascera e sempre vivera. Fora-se insinuando: primeiro, ouvida; depois, vista; e depois ainda, sentida. Por precaução, a mãe, Maria Luísa, professora primária, tinha licença de porte de arma. Nunca precisou de a usar, ainda que fosse frequente aparecerem ogivas no recreio do Liceu General Norton de Matos, onde o filho estudava.

Aos 14 anos, a confiança no futuro conferia-lhe uma estranha certeza de que não existia para tudo acabar ali. Talvez a mesma

certeza que ainda hoje, passados mais de quarenta anos — quase doze de autonomia com a doença de Parkinson, muito para lá das previsões dos médicos —, lhe confere o atrevimento de pensar que nem assim está perto do fim. «Não era irresponsável ao ponto de ir brincar para a rua, mas não corria a fechar-me na despensa. Tinha a convicção plena de que aquele não era o fim que me estava destinado», conta. Desde miúdo que vive sempre mais virado para o futuro, nem sequer para o presente. E experimenta uma sensação estranha, de imortalidade, de quem nasce com um propósito, que não é compaginável com certos acidentes.

Nesse dia, só quando a noite caiu é que o sossego voltou à Rua do Bié, onde também estavam sediados alguns exércitos angolanos. Por aqueles dias, a vida era ainda muito generosa. Mesmo quando, poucos meses depois, foi obrigado a fugir de casa com o que tinha à mão e a apanhar um voo fretado com a mãe e o irmão, Miguel, como mais um dos milhares de retornados das ex-colónias portuguesas. O pai, que trabalhava nos Caminhos de Ferro de Benguela, só partiria mais tarde.

Paulo tinha família em Lisboa, mas o primeiro ano em Portugal foi passado na Póvoa de Varzim, onde a mãe, professora, fora colocada. Viver a guerra e a descolonização e aterrar em Portugal com quase nada — trouxe uns livros e lá dentro alguns dos selos da única coleção que fez na vida —, em plena adolescência, poderia tê-lo levado a perder-se, mas isso não seria justo para a família. A relação com os pais era muito próxima, de respeito e admiração — ainda hoje lhes telefona todas as noites —, mas Maria Luísa e Arménio sempre foram muito exigentes e austeros. O amor e o carinho existiam, mas sem grandes demonstrações de afeto, nada parecido com o que a filha Catarina tem, hoje, com os seus três netos. «Neste particular, acho que saio mais à minha mãe, muito forte de carácter e intelectualmente sólida», diz Paulo.

Do pai, herdou o fanatismo pelo Futebol Clube do Porto — o irmão Miguel é do Sporting. Desde que deu os primeiros pontapés na bola que é portista, doente e fanático, porque procura saber

tudo, e não apenas sobre futebol. Vibra com o ciclismo, as motas, a Fórmula 1 e, sobretudo, com o atletismo. Sabe de cor coisas que os comuns dos mortais não imaginam. Mas esforça-se por que a «doença» não lhe tolde o raciocínio, não é dos que nunca veem os penáltis contra o Porto, ou dos que pensam que a culpa é sempre do árbitro. Hoje, escreve no jornal *A Bola* e, recentemente, enquanto passeava em Tavira, pelo mercado, deram-lhe, entusiasticamente, os parabéns, porque, nas suas crónicas, «nem parecia que era do Benfica».

O entusiasmo pelo FCP valeu-lhe, aliás, em 2010, um telefonema de Pinto da Costa. O histórico presidente do clube queria atribuir-lhe, na *Gala Dragões de Ouro*, o troféu para *Sócio do Ano*. Ficou surpreso e reconhecido com a distinção, só que havia um problema: não era sócio do clube. Prontamente, Pinto da Costa mudou o título para *Sócio/Adepto do Ano* e Paulo esteve no Coliseu do Porto para receber o Dragão, com a habitual pompa e circunstância do evento.

De volta à adolescência, aprendeu cedo, com os pais, a nunca desistir, porque as coisas más também têm um sentido. A infância tinha sido feliz, até então. Não sente rancor, mas «uma certa pena que as coisas tenham sucedido assim; de, com 14 anos, e de um dia para o outro, perceber que está no meio de uma guerra civil e ver a casa metralhada no meio das disputas entre os vários exércitos de libertação». A cidade de Nova Lisboa, que era o quartel-general da UNITA, foi a última a cair.

Não experimentou drogas; com o álcool, só se lembra de ter ficado fora de si uma única vez, já na faculdade; namorado, não foi. Tímido e reservado, sempre contido, foi antes um adolescente tranquilo que não deu problemas aos pais. Não houve uma situação crítica a registar. Os dois irmãos tornaram-se adultos muito cedo. Como conta a mãe, Maria Luísa, o seu filho mais velho nem quando nasceu teve cara de bebé. «É uma maneira de ser, não é uma ausência de emoções. Sou uma pessoa com muitas emoções, mas é evidente que tento controlá-las perante terceiros», explica Paulo. Hoje, decorrente da doença de Parkinson, a sua expressão

tornou-se ainda mais imperscrutável e indecifrável, mas a sua matriz sempre fora esta. Rafael Mora, antigo *partner* da Heidrick & Struggles, costumava brincar, dizendo que, no tempo das acesas assembleias gerais, no auge da guerra do BCP, bem que podiam pôr a cara de Paulo num ecrã gigante, que ninguém conseguiria perceber o que se estava a passar.

Também na faculdade, quando era assistente de História do Direito, os seus alunos associavam a sua cara fechada a severidade e achavam-no dos mais difíceis de levar, mas, afinal, quando chegava o final do ano, Paulo era o passa-culpas, porque, conforme admite, se revelava bastante compreensivo — sobretudo nas orais.

A contenção é, aliás, um dos traços de personalidade apontado mais vezes por quem o conhece, amigos, ou nem por isso. A sua atual e segunda mulher costuma rir-se, porque Paulo é o desespero de barbeiros e taxistas. Não lhe sobra uma palavra para falar do tempo. Mónica testemunha a mesma atitude nos almoços em casa da família do marido. «Em casa dos meus pais é tudo muito contido, não é, Mónica?», exclama.

A propósito, décadas depois, em Lisboa, já presidente do BCP, quando reuniu pela primeira vez com a alta direção do banco, deixou a seguinte mensagem: «Por favor, não me perguntem o que eu sinto, perguntem-me o que penso. O que eu sinto não vos interessa para nada, porque isto não se faz com emoções, faz-se com vontades e inteligências.»

Para o professor catedrático Martim de Albuquerque, que conheceu Paulo Teixeira Pinto na década de oitenta, era este seu assistente na Faculdade de Direito de Lisboa, trata-se, simplesmente, de uma forma diferente de vivenciar a intimidade, que pouco se usa já por estes dias, uma atitude «de quem não gosta de lavar a roupa em público».

Paulo não chora. Aliás, Paulo só se lembra de ter chorado quando o seu filho mais novo, Paulo Guilherme — Guga para a família e os amigos — morreu subitamente, em 2008, no Dia de Todos os Santos, poucos meses depois de o seu divórcio de Paula Teixeira da

Cruz ser oficializado. Mas os que passaram, nesse dia, pela Universidade Católica, onde o corpo esteve em câmara ardente, viram, antes, um esforço imenso para se aguentar de pé e segurar as lágrimas. Um transe terrível.

Paulo começava a aperceber-se do ajuste de contas que a vida parecia, agora, querer fazer. Em três anos, acumulou desgostos. Com pouco mais de quarenta anos, foi-lhe diagnosticada a doença de Parkinson, saiu derrotado da presidência do BCP, o maior banco privado nacional, viveu uma inesperada crise de fé que o levou a deixar Deus e o Opus Dei, onde esteve vinte anos, e separou-se da mulher com quem estivera casado quase 25 anos, Paula Teixeira da Cruz, a mãe dos seus dois filhos. E perdeu o seu filho mais novo. «Durante muitos, muitos anos, sempre disse que tinha mais do que merecia e que a vida tinha sido demasiado generosa para comigo. Até que, num determinado momento, ela decidiu levar a sério a minha prescrição e, se calhar, toda a generosidade foi corrigida também, provavelmente, de uma forma mais do que proporcional. Pelo menos, eu sentia assim», conclui.

Mas isso só seria assim muito tempo depois, após décadas de uma vida intensa e apressada. Muito antes desse ajuste de contas, logo a seguir ao 25 de Abril e após um ano na Póvoa do Varzim, a família, refugiada de Nova Lisboa, acaba por assentar no bairro lisboeta dos Olivais e Paulo começa uma nova vida no Liceu Padre António Vieira. Faz os primeiros amigos, alguns de uma vida, conhece aquela com quem viria a casar e rende-se a um mundo incrivelmente maior, servido ao lanche. A história, a política ou a matemática, de que tanto gosta, eram temas de discussão em família e entre os miúdos da sua idade, numa época em que um simples número da *National Geographic* chegava para aproximar as pessoas e se corria até às embaixadas para ler sobre outros mundos.

É aqui que Paulo começa a afirmar-se, a tentar ser diferente, o melhor, o primeiro, sempre pronto para o confronto, com ideias muito claras sobre quase tudo. O debate político e o calor da discussão estavam todos os dias na rua. Curto e incisivo, tenta vencer

a sua natural timidez com o ato de decidir. «Se era preciso dar a cara estava na primeira linha. Nunca vi um sinal de cobardia da sua parte e vi-o em situações muito complicadas», conta o advogado Manuel Guerra Pinheiro. Este amigo de infância, que lhe apresentou o Opus Dei, frequentava com Paulo a mesma missa ao domingo, na Paróquia de Santo Eugénio dos Olivais. Por esses tempos, o seu grupo, à direita, era alvo de violência ideológica; no liceu, dia sim, dia não, andava-se à chapada; e no debate perdia-se, frequentemente, a proporcionalidade.

Paulo via-se todos os dias a combater marxistas e outros adversários políticos e, não fugindo ao embate físico, escolhe tornar-se o mais diferente possível. Nacionalista, monárquico e cada vez mais cristão. De corpo e alma, sem espaço para o meio termo, indiscutivelmente dedicado e intensíssimo. Como se a toda a hora houvesse um *nós* e um *eles*. «Essa coisa dos estados intermédios é como a gravidez. Não há senhoras relativamente grávidas, ou pessoas relativamente sérias, ou relativamente competentes. Ou é ou não é. Não há segundos estados para certas coisas», defende Paulo. Ruy de Albuquerque, o prestigiado advogado e professor catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa, já falecido, que o apresentou ao fundador do BCP, Jorge Jardim Gonçalves, dizia-lhe, aliás, que ele seguia cada coisa na sua vida como a sua verdadeira vocação.

Mais do que ser o melhor ou diferente, agradava-lhe, sobretudo, ser precoce. Quando reparou que já existia alguém mais novo em funções semelhantes às suas, percebeu que a primeira parte da sua vida estava passada. Foi em 1991, era secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros do governo de Aníbal Cavaco Silva, tinha acabado de fazer 31 anos e entra para a equipa Maria do Céu Ramos, como secretária de Estado da Juventude, dois anos mais nova. Um mero acidente de percurso, porque a sua rápida forma de vida volta ao que era: aos 44 anos, já era presidente do maior banco privado a operar em Portugal.

À pressa de viver para poder fazer, junta-se, assim, a soberba de pensar que conseguirá reconhecer a morte. Não a espera, para

já, e, para além do referido episódio em Nova Lisboa, por duas vezes mostrou isso mesmo a quem pôde pensar o contrário.

A primeira vez que sentiu uma espécie de intuição, ou antes, a petulância de achar que trata a morte por tu, foi ainda em criança, em Angola. A mãe tinha ido fiscalizar uns exames numa escola fora de Nova Lisboa e, no regresso, o carro fugiu-lhe. Paulo partiu a cabeça e um braço, a mãe sofreu uma luxação e o bebé que seguia com eles, filho de uma amiga, também professora, foi cuspidor, mas não aconteceu nada de grave a ninguém. «Também nessa altura, via as pessoas muito preocupadas, mas eu não via problema nenhum.» Poucos dias depois já andava de bicicleta e jogava à bola, todo en-
gessado.

A outra experiência limite ocorreu no Natal de 2002. Estava em casa e sentiu-se mal. A dor no peito acabou por levá-lo às urgências do Hospital de Santa Maria, onde lhe foi dito que se tratava de uma ameaça de enfarte. Enquanto desesperava — as enfermeiras não se comoveram, negaram-lhe livros e deram-lhe apenas papel e lápis —, passou por ali um médico seu amigo que, ao inteirar-se da situação, tratou de chamar um sacerdote para lhe dar a extrema-unção. «Ligado às máquinas através de diversos fios, como se o corpo mais não fosse do que tampo para exposição de tomadas elétricas, o homem sorri para o amigo, que com tanta prontidão — sim, porque a amizade, precisamente porque o é, não raramente se assusta mais com o outro do que consigo —, o procura nos cuidados intensivos para averiguar se seria o caso de querer receber um sacramento de que nunca havia carecido ou beneficiado. Mas não era esse ainda o dia — assim decidiu quem instituiu aquele e todos os outros sinais», escreveu a partir da cama 9 da UTIC do Hospital de Santa Maria, nos dias 26 e 27 de dezembro. Recusou, porque mais uma vez estava confiante de que ainda não tinha chegado a sua hora. «Senhor, Tu sabes tudo; só Tu sabes onde Te posso servir melhor — na Terra ou onde Tu quiseres; e não Te esqueças que tenho pais, mulher e filhos; mas faça-se sempre a Tua e não a minha vontade», escreveu. Nesta fase, Paulo mantinha a sua fé inabalável e era membro, de coração,

do Opus Dei. Seu dito, seu feito. Paulo acabou por sair dos cuidados intensivos do hospital ao fim de uma semana, mas só após assinar um termo de responsabilidade. Já se sentia bem e a última coisa que queria era uma passagem de ano no hospital. Teve exatamente a mesma percepção que aos 14 anos, em Nova Lisboa, quando lhe metralharam a casa. No texto que escreveu no hospital, deixa a pergunta: «É a vida que tem de se conformar com o coração? Ou, ao invés, é o coração que há de servir a vida tal como ela precisa de ser vivida? A resposta mostrou-se-lhe brilhante, como um cristal puro, sem riscos nem falhas. Mas só poderá ser conhecida no momento em que esta vida e o seu coração se separarem».

A vida a rasgar, sem paragens. A mesma pressa de quando acelerava na estrada. Já foi apanhado várias vezes em excesso de velocidade e hoje, mais sensato, resguarda-se no *cruise control* para não ficar sem carta. Já acumulou duas inibições de conduzir.

Paulo espera, realmente, ter, um dia, a noção da sua morte. Mesmo hoje, doente de Parkinson há 12 anos, com reveses a sucederem-se, não se lhe nota o fim. «Estou à espera... Não tenho uma expectativa de tempo, mas estou à espera que ainda dependa de mim e não de terceiros e que possa, também fisicamente, morrer de pé, como as árvores, pegar nas minhas coisas e deitá-las ao pé de uma oliveira», diz. Ainda hoje, a ideia de estar de pé o fascina. Uma atitude pouco natural para quem procurou viver sempre na vertigem e se reconhece como o cúmulo da impaciência.

Tem várias regras e uma delas é estar pronto e apto para ser julgado pela última coisa que faz. Não ser julgado em bloco, mas estar sempre disposto a que a vida possa ser apagada pela última coisa que está a fazer. «Tenho a esperança, ou pelo menos a presunção, de que Deus, se existir, julgará os homens pelo que são e não pelo que deveriam ser, ou pelo que renegaram», defende Paulo. A essência é sempre mais importante do que a aparência, o que é hoje, para si, mais do que uma frase feita. Porque agora sabe

que aquilo que uma pessoa quer, verdadeiramente, é ser simplesmente feliz.

«Um pormenor», conta. «Todos os anos, no feriado do 1 de novembro, *Dia de Todos os Santos*, peço para ser rezada uma missa especial, aqui na Igreja de São Nicolau, na Baixa [de Lisboa], cujo capelão era muito amigo do Guga. Em 2015, não pude ir porque tinha sido operado há pouco tempo. As pessoas viram o nome Paulo Teixeira Pinto, em vez de Paulo Guilherme Teixeira Pinto, e como eu não estava presente isso foi suficiente para que alguém escrevesse no Facebook que eu tinha morrido.» Até haver amigos a ligar para a mulher, Mónica, a perguntar se estava tudo bem, foi um par horas. Ao fim de meia dúzia de telefonemas, lá se conseguiu desfazer o equívoco.

A história de Paulo não acabou, o fim ficará por escrever, provavelmente, como e quando ele entender. Já o imaginou e encenou, na sua cabeça, enquanto o coração bate, forte e já menos apressado. Um exercício que para si não é triste, é a demonstração da sua inteligência, singular, e da paz, que lhe deu sempre tanto trabalho. Medo, como se verá, sempre teve pouco.